



AUTOMEDICAÇÃO: CONHECIMENTO, PRÁTICA E ATITUDE DOS PACIENTES COM DCNT NAS ESF DE TUPANCIRETÃ/RS

*Self-medication: knowledge, practice and attitude of patients with dcnt at esf de
Tupanciretã / RS*

MALHEIRO, Luisa Maicá¹; BROLLO, Hellen Marisco¹; BONATTO, Juliane¹
CARVALHO, Themis Goretti Moreira Leal de².

Resumo: No presente trabalho é apresentado um estudo sobre a automedicação, com o objetivo de descrever o conhecimento da população com doenças crônicas cadastradas nas ESF de Tupanciretã/RS e na UBS Dr. Evandro Vianna Bopp de Tupanciretã/RS sobre a utilização da automedicação, assim como as atitudes e práticas adotadas perante a iniciativa de automedicar-se. Trata-se de um estudo descritivo, analítico de rastreamento epidemiológico observacional realizado com uma amostra de 60 pessoas portadoras de doenças crônicas não transmissíveis, que compareceram no dia da pesquisa. Os dados foram coletados por meio da aplicação de um questionário, composto por 14 perguntas envolvendo variáveis independentes (sexo, idade, escolaridade) e variáveis dependentes (uso de medicamentos sem prescrição, motivo da automedicação, dentre outras). Das pessoas pesquisadas 81,7% (n=49) confirmaram saber que a automedicação pode trazer malefícios à saúde. Ainda assim, 76,7% (n=46) afirmaram já ter se automedicado. Foi observado que 68,3% (n=41) da amostra era composta pelo gênero feminino, sendo que 43,4% tinha 51 anos ou mais. Em relação aos medicamentos, o motivo de se automedicar mostrou-se associado principalmente à facilidade de adquirir os medicamentos e a crença de ter conhecimento necessário para se automedicar. Quanto ao destino dos medicamentos não são mais utilizados, identificamos que a grande maioria é descartada no lixo comum. Concluímos que é de fundamental importância a conscientização sobre os riscos e consequências da automedicação, para que as pessoas que fazem uso indiscriminado de remédios, saibam quais atitudes são mais apropriadas a tomar para garantir sua saúde e do meio em que vivem.

Palavras-chave: Automedicação. Conhecimento. Prática. Consequências.

Abstract: The current work presents a study on self-medication, with the purpose of describing the knowledge of the population about chronic diseases registered in the ESF of Tupanciretã / RS, and UBS Dr. Evandro Vianna Bopp of Tupanciretã / RS on the use of self-medication, as well as the attitudes and practices adopted before the initiative to self-medicate. This is a descriptive, analytical study of tracking observational epidemiology conducted with a sample of 60 people with inalienable chronic diseases, which attended on the day of the

¹ Acadêmicas do terceiro semestre do Curso de Fisioterapia da Universidade de Cruz Alta, atuantes no Núcleo de Pesquisa em Saúde Coletiva da UNICRUZ. E-mail: luisamaicamalheiro@yahoo.com; brolloh@gmail.com; juliane.bonatto@yahoo.com.br

² Professora Adjunta do Centro de Ciências da Saúde e Agrárias da UNICRUZ. Líder do Grupo de Pesquisa em Saúde Coletiva da UNICRUZ. Email: carvalhothemis@gmail.com



survey. Data were collected through the application of a questionnaire, consisting of 14 questions involving independent variables (sex, age, schooling) and dependent variables (use of non-prescription drugs, self-medication reason, among others). Amongst the people surveyed, 81.7% said they knew that self-medication could be harmful to their health. Still, 76.7% said they had already self-medicated. It was recognized that 68.3% of the sample was composed by the female gender, and 43.4% were 51 years old or older. Regarding the medications, the reason for self-medication was associated mainly with the ease of acquiring the medicines and the fact that those inquired believed they had the knowledge required in order to self-medicate. Concerning the destination of the medicines that are no longer used, we identified that the vast majority is discarded in the common waste. We conclude that it is vital to enlighten the population about the risks and consequences of self-medication, so that people who use medicines indiscriminately can know which actions are most appropriate to take to ensure their health and the preservation of the environment they live in.

Keywords: Self-medication. Knowledge. Practice. Consequences.

INTRODUÇÃO

A automedicação é conceituada como a prática de ingerir substâncias de ação medicamentosa sem o aconselhamento e/ou acompanhamento de um profissional de saúde qualificado (PAULO & ZANINI, 1988; OMS, 2005). A automedicação é uma forma comum de auto-atenção à saúde, consistindo no consumo de um produto, com o objetivo de tratar ou aliviar sintomas ou doenças percebidas, ou mesmo de promover a saúde, independentemente da prescrição profissional. Para tal, podem ser utilizados medicamentos industrializados ou remédios caseiros. (FILHO *et al.*, 2002).

A autoprescrição, ou seja, o uso por conta própria de remédios contendo tarja vermelha ou preta na embalagem, e que só devem ser utilizados sob prescrição médica, é extremamente perigosa e inaceitável segundo a OMS (OMS, 2005).

No presente trabalho é apresentado um estudo sobre a automedicação, com o objetivo de descrever o conhecimento da população com doenças crônicas cadastradas nas ESF de Tupanciretã/RS sobre a utilização da automedicação, assim como as atitudes e práticas adotadas perante a iniciativa de automedicar-se. Procuramos analisar aspectos problemáticos advindos da utilização da automedicação, identificar quais medicamentos são mais utilizados, investigar qual o destino da medicação que não é mais utilizada, avaliar como e porque a população adquire medicamentos não prescritos e constatar o uso de medicamentos e a frequência deste uso. Foram considerados como automedicação o uso de medicamentos por iniciativa própria, ou por recomendação ou indicação de outros que não um profissional



médico ou odontólogo, incluindo aí balconistas de farmácia, farmacêuticos, amigos, vizinhos e outros.

MATERIAIS E MÉTODOS

Tipologia da pesquisa:

O trabalho tem características de um estudo descritivo e analítico de rastreamento epidemiológico observacional que seguiu as recomendações preconizadas pelo Ministério da Saúde, 2014. Foi desenvolvido com os pacientes com doenças crônicas, não transmissíveis (DCNT) cadastrados na ESF 01 e na UBS Dr. Evandro Vianna Bopp de Tupanciretã/RS. A observação participante proposta por Demo (2004) permeou todas as atividades, para que se pudesse captar uma variedade de situações ou fenômenos que auxiliaram na compreensão dos sujeitos do estudo.

População e amostra

A população do presente estudo foi composta por pessoas portadoras de doenças crônicas não transmissíveis, cadastradas na ESF 01 e na UBS Dr. Evandro Vianna Bopp de Tupanciretã/RS. A amostra constou de 22 sujeitos cadastrados na ESF 01, 38 sujeitos cadastrados na UBS.

Coleta de dados

Os dados foram coletados, por meio da aplicação de um questionário e observação participante.

O questionário é adaptado de PEIXOTO (2007), e foi utilizado em uma pesquisa do curso de Enfermagem da Universidade Fernando Pessoa, Polo Ponte de Lima, no âmbito de sua licenciatura no ano de 2007.

O instrumento é composto por 14 perguntas envolvendo variáveis independentes (sexo, idade, escolaridade) e variáveis dependentes (uso de medicamentos sem prescrição, motivo que levou a automedicação, uso de medicamentos controlados ou não sem indicação médica, frequência de uso, se é dependente da automedicação, dentre outras).

Após a análise dos dados todos os envolvidos receberam um Folder com reflexões e orientações sobre a " Automedicação".



Análise dos dados

Os dados foram analisados através da estatística descritiva sobre a forma de percentuais. Após a análise, reflexão e discussão dos dados encontrados, foi elaborado um plano de educação e saúde, visando a melhoria da qualidade de vida dos sujeitos participantes do projeto, ajudando-os a vencer barreiras, a conquistar dignidade, buscando um estilo de vida tão normal e integral quanto possível, recuperando parte das funções perdidas, garantindo uma vida mais digna e produtiva.

Questões éticas

Para o atendimento a Resolução 466/2012, denominadas Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, o projeto é aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNICRUZ – Número do Parecer: 1.071.586.

Nosso dever de pesquisador também nos leva a ter o Consentimento Livre e Esclarecido de nossos pesquisados, fato que aconteceu com todos os sujeitos envolvidos na pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram 60 pessoas ao todo que responderam ao questionário, das quais 68,3% (n = 41) eram do gênero feminino e 31,7% (n = 19) do gênero masculino, sendo que 43,4% (n = 26) tinha 51 anos ou mais. Com referência à influência da idade na automedicação, os dados existentes não permitem estabelecer um padrão consistente de comportamento.

A associação entre idade e consumo de medicamentos não prescritos não foi muito comentada nos estudos pesquisados. Porém, em determinados artigos, foi possível verificar que a automedicação era mais frequente entre indivíduos mais jovens. Nestes estudos observamos que em relação à idade, observou-se maior frequência de automedicação em crianças menores (Beckhauser *et al.*, 2010) e pessoas com idade mais avançada (Oliveira *et al.*, 2012; Loyola *et al.*, 2005), isso pode estar relacionado ao fato desses grupos etários estarem mais predispostos aos problemas de saúde que motivam a realização da automedicação, própria ou por iniciativa de seus cuidadores e também a reutilização de antigas prescrições. Quanto ao gênero, relata-se que esta prática é geralmente mais comum nas mulheres em função do maior cuidado à saúde (Bertoldi *et al.*, 2014; Loyola *et al.*, 2005). Ainda assim, é possível dizer que o uso de automedicação apresenta uma associação que



independe da idade, podendo ser mais ou menos frequente entre as pessoas dependendo de suas necessidades.

No que diz respeito à prática da automedicação, 76,7% (n = 46) dos pesquisados afirmam já ter se automedicado. Das pessoas pesquisadas, apenas 8 registraram ter iniciado a graduação, porém, somente 4 concluíram. Quanto à profissão, 27% (n = 16) do total da amostra não exerciam atividades remuneradas, sendo consideradas do lar. O público que mais se utiliza da automedicação segundo (MUSIAL *et al.*, 2007) são pessoas com um maior nível de escolaridade, pois quanto maior a escolaridade, mais aptas julgam-se capazes de se automedicarem, devido possuírem mais informações e tornam-se então mais confiantes.

Segundo Nascimento e Valdão (2012) a familiaridade e o aumento da comercialização de medicamentos deve tornar o consumo inapropriado um hábito cada vez mais comum. Quanto ao gênero, de acordo com Bertoldi (2004), as mulheres estão mais sujeitas à medicalização devido à sua maior procura por serviços de saúde e por terem mais preocupação com sua saúde que os homens. Na presente pesquisa, dos 76,7% (n = 46) que confirmam utilizar da automedicação, 65,2% (n = 30) são mulheres, o que confirma estes dados.

Ao serem questionados sobre a automedicação ser prejudicial à saúde, apenas 6,6% (n = 4) afirmaram crer que não há prejuízos, 11,7% (n = 7) não sabem ou não responderam, e 81,7% (n = 49) disseram crer que há malefícios à saúde.

Estes dados são muito importantes para a manutenção da saúde de uma população, pois ato de se automedicar é um fenômeno potencialmente prejudicial à saúde individual e coletiva, tendo em vista que nenhum medicamento é inócua a saúde (GIROTTI *et al.*, 2010).

Além disso, 15% (n = 9) das pessoas pesquisadas, afirmaram ser dependentes da automedicação e 15% (n = 9) declararam já ter tido algum tipo de mal-estar depois de ter feito uso do remédio. Segundo o Departamento de Psicobiologia da Unifesp/EPM, dependência é o impulso que leva a pessoa a usar uma droga para obter prazer ou aliviar tensões, ansiedades, sensações físicas desagradáveis, etc. O dependente caracteriza-se por não conseguir controlar o consumo, agindo de forma impulsiva e repetitiva. Este fato é comentado no estudo de MUSSIAL, DUTRA e BECKER (2007), que diz:

O ato de se automedicar é um fenômeno potencialmente prejudicial à saúde individual e coletiva, pois nenhum medicamento é inócua a saúde. O uso inadequado de substâncias e até mesmo drogas consideradas simples pela população, como os



medicamentos de venda livre, tais como analgésicos, podem acarretar diversas consequências, como reações de hipersensibilidade; resistência bacteriana; dentre outros (MUSSIAL; DUTRA; BECKER, 2007).

Em relação aos medicamentos, 68,3% (n = 41) das pessoas afirmaram, ter utilizado recentemente, sendo que os mais utilizados são analgésicos (22%) e anti-inflamatórios (19,5%), seguidos por remédios para controle da hipertensão arterial (HAS) (13,4%) e ansiolíticos (11%).

Esses dados podem ser confirmados também por um estudo realizado por BERTOLDI, feito com 3182 pessoas, onde foi possível constatar que os analgésicos e anti-inflamatórios foram os medicamentos com maior frequência de utilização (BERTOLDI, *et al.* 2004).

Em relação à influência na prática da automedicação, 29% (n = 17) da amostra declarou ter tido influência de amigos e familiares, 18,8% (n = 12) por prescrições anteriores, 18,8% (n = 12) por profissionais da saúde (exceto médicos), 16% (n = 9) tinham os medicamentos em casa e 17,4% (n = 10) não responderam. De acordo com Limbu e Torres (2009) é comum o consumidor buscar fontes alternativas de informações como a indicação de amigos e meios de propaganda, quando este não possui dados suficientes para a tomada de uma decisão. Neste caso, a influência de outras pessoas é um fator determinante na escolha final de uma medicação (Bearden, Netemeyer, & Teel, 1989).

Os motivos que levam à prática de automedicação, mostraram-se associados principalmente à facilidade de adquirir os medicamentos (29,5%), à crença de que se tem conhecimento suficiente para a prática da automedicação (17%), à influência de amigos e familiares (17%) e ao fato de que algumas pessoas não se sentem confortáveis de ir até o médico profissional de saúde (15%).

Em outro estudo (ASCARI *et al.* 2014) foi encontrado resultados semelhantes, dentre os 200 participantes da pesquisa, 71% (n = 142) afirmou se automedicar, justificando esta prática por acreditar ser desnecessário a ida ao médico acrescentando que tem facilidade em obter os remédios e estão habituados a comprá-los.

No que diz respeito aos medicamentos que não são mais utilizados, 44% (n = 26) das pessoas afirmam descartá-los no lixo comum, 21% (n = 13) dizem entregar em órgãos da saúde, 19% (n = 11) dizem não sobrar medicações, 10% (n = 6) tem o costume de armazená-los em casa e 6% (n = 4) doam ou queimam o que sobra.



Outro estudo realizado por GASPARINI, GASPARINI e FRIGIERI (2011) teve como resultado que entre as 200 pessoas questionadas no estudo 30,8% (n = 62) guardavam os medicamentos em casa e 30,45% (n = 61) descartavam no lixo comum. O levantamento de dados sobre este fato em específico é de extrema importância pois:

O descarte inadequado é feito pela maioria das pessoas por falta de informação e divulgação sobre os danos causados pelos medicamentos ao meio ambiente e por carência de postos de coleta. (GASPARINI; GASPARINI; FRIGIERI, 2011, p. 42)

Concebendo-se a idéia de desenvolvimento de um ponto de vista histórico, a produção e a utilização de medicamentos, alavancadas após o avanço tecnológico e o crescimento industrial e capitalista, passaram a ocupar um espaço importante, especialmente por uma crença em seus poderes, alheia ao seu real propósito sanitário (BARROS, 2008).

Porém, é muito importante ter em mente que, uso abusivo de medicamentos, particularmente os isentos de prescrição, pode gerar graves consequências à saúde individual e coletiva, pois estes hábitos não podem ser facilmente modificados tanto por parte do usuário como pelo sistema de saúde (GIROTTO *et al.*, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, fica muito clara a importância da conscientização sobre a automedicação visto que no total de 60 indivíduos, 46 afirmam já ter se automedicado, atitude esta que é muito arriscada pois está comprovado, por profissionais e pesquisadores científicos e de saúde, que pode levar ao surgimento de complexos danos à saúde. É muito importante dizer também, em relação ao conhecimento sobre o risco da automedicação, que a maioria dos indivíduos (81,7%), sabia que automedicar-se prejudica a saúde e, mesmo tendo conhecimento sobre o assunto e sabendo que causa perturbações à saúde, ainda assim faz uso da automedicação.

E por fim, no que diz respeito as respostas dos participantes quando questionados sobre o descarte dos medicamentos, uma grande maioria dos indivíduos (44%) relataram que descartam os fármacos que não são mais utilizados no lixo comum, prática esta que não deve ser encorajada, já que outros indivíduos podem entrar em contato com esses medicamentos e



utilizá-los de forma equivocada, podendo causar transtornos muito sérios de saúde destas pessoas, assim como, quando descartados em vasos sanitários ou pias, podem atingir a rede de esgoto causando graves problemas para o meio ambiente.

Ter acesso a dados sobre estes fatos, pode auxiliar a população a não praticar mais estas condutas. É fundamental saber como utilizar as informações e o conhecimento adquiridos na organização de trabalhos sobre automedicação, para que as pessoas que fazem uso indiscriminado de remédios sem conhecer os reais riscos da automedicação, possam estar cientes de quais atitudes são as mais apropriadas a tomar e garantem sua saúde e a saúde do meio em que vivem.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Camila Tamara Sousa. *et al.* **Avaliação dos hábitos associados à automedicação em uma farmácia comunitária em Aracaju-SE: A luz para o farmacêutico.** Sergipe: Cad. de Grad. - Ciências Biológicas e da Saúde, vol. 1, nº 15, 2012.

AQUINO, Daniela Silva de. **Por que o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade?** Rio de Janeiro: Ciência & Saúde Coletiva, vol. 13, 2008.

ASCARI, Rosana Amora. *et al.* **Estratégia saúde da família: automedicação entre os usuários.** Santa Catarina: Revista Uningá Review, v. 18, nº 2, 2014.

BEARDEN, W. O. *et al.* **Measurement of consumer susceptibility to interpersonal influence.** Journal of Consumer Research, 15(3), 473-481, 1989.

BECKHAUSER G.C. *et al.* **Utilização de medicamentos na Pediatria: a prática de automedicação em crianças por seus responsáveis.** Rev. Paulista Pediatr. 28(3): 262-268, 2010.

BERTOLDI, Andréa D. *et al.* **Utilização de medicamentos em adultos: prevalência e determinantes individuais.** São Paulo: Rev. Saúde Pública; 38(2): 228-38, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Estratégias para o cuidado da pessoa com doença crônica: obesidade.** Brasília: Ministério da Saúde, 2014 (Cadernos de Atenção Básica, n. 38).

CASTRO, Clarisse. Interação medicamentosa: entenda os riscos de se medicar sem orientação. **Fundação Oswaldo Cruz**, Rio de Janeiro, 19 fev. 2015. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/noticia/interacao-medicamentosa-entenda-os-riscos-de-se-medicar-sem-orientacao>>. Acesso em: 04 abr 2018.



CASTRO, Helena C. *et al.* **Automedicação: Entendemos o risco?**. Rio de Janeiro: Infarma, v.18, nº 9/10, 2006.

DEMO, P. **Pesquisa participante: saber pensar e intervir juntos**. Brasília: Liber Livro Editora, 2004 (Série Pesquisa em Educação, v.8)

FILHO, Antônio I. L. *et al.* **Estudo de base populacional sobre o consumo de medicamentos entre idosos: Projeto Bambuí**. Cad. Saúde Públ. 21(2): 545-553, 2005.

FILHO, Antônio I. L. *et al.* **Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí**. Minas Gerais: Rev. Saúde Pública; 36(1): 55-62, 2002.

GASPARINI, Joice do Carmo; GASPARINI, André Renah; FRIGIERI, Mariana Carina. **Estudo do descarte de medicamentos e consciência ambiental no município de Catanduva-SP**. São Paulo: Ciência & Tecnologia: FATEC-JB, v. 2, nº 1, p. 38-51, 2011.

LADEIRA, Wagner Junior; ARAUJO, Clécio Falcão; SANTINI, Fernando de Oliveira. **A automedicação e a influência de grupos de referência: aplicação da técnica de análise discriminante no mercado de medicamentos over-the-counter**. Paraná: RECADM, v. 14, n. 1, p. 5-18, 2015.

LIMA, Geandra Batista. *et al.* **Uso de medicamentos armazenados em domicílio em uma população atendida pelo Programa Saúde da Família**. Rio de Janeiro: Ciência & Saúde Coletiva, vol. 15, 2010.

Limbu, Y., & Torres, I. M. **The effects of involvement and ad type on attitudes toward direct-to-consumer advertising of prescription drugs**. Journal of health and human services administration, 32(1), 107-138, 2009.

MARGONATO, Fabiana Burdini. *et al.* **Determinantes nas intoxicações medicamentosas agudas na zona urbana de um município do Sul do Brasil**. Rio de Janeiro: Cad. Saúde Pública, vol. 24, nº 2, 2008.

MUSIAL, Diego Castro; DUTRA, Josiene Santos; BECKER, Tânia C. Alexandrino. **A automedicação entre os brasileiros**. Paraná: Rev. Saúde e Biol., v. 2, n. 2 p. 5-8, 2007.

NASCIMENTO, Jaqueline de Paula; VALDÃO, Gizelle Batista Mendes. **Automedicação: Educação para prevenção**. Góias: Anais eletrônicos da I CIEGESI, 2012.

OLIVEIRA M.A. *et al.* **Automedicação em idosos residentes em Campinas, São Paulo, Brasil: prevalência e fatores associados**. Cad. Saúde Públ. 28(2): 335- 45, 2012.

PEREIRA, Januaria Ramos. *et al.* **Riscos da automedicação: Tratando o problema com conhecimento**. Santa Catarina: UNIVILLE, 2006.

PEIXOTO, Joana Barbosa. **Automedicação**. Curso de Enfermagem da Universidade Fernando Pessoa, Polo Ponte de Lima. CIDADE, ESTADO, 2007.



SILVA, Ilane Magalhães. *et al.* **Automedicação na adolescência: um desafio para a educação em saúde.** Rio de Janeiro: Ciência & Saúde Coletiva, vol. 16, 2011.

VOSGERAU, Milene Z. S.; SOARES, Darli A.; SOUZA, Regina K. T. **Automedicação entre Adultos na Área de Abrangência de uma Unidade Saúde da Família.** Paraná: Latin American Journal of Pharmacy, 27 (6): 831-8, 2008.